



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADEMICO DO AGRESTE
NUCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE
LICENCIATURA - FÍSICA

MARIA NATHÁLIA COSTA BARROS

**INCENTIVO DA MULHER À PRÁTICA E ESTUDO DAS CIÊNCIAS E
MATEMÁTICA**

Caruaru
2021

MARIA NATHÁLIA COSTA BARROS

**INCENTIVO DA MULHER À PRÁTICA E ESTUDO DAS CIÊNCIAS E
MATEMÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Física da Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito parcial para
a obtenção do título de Licenciada em
Física.

Área de concentração: Ensino de
Ciências e Matemática.

Orientador: Prof^a. Dra. Tassiana Fernanda Genzini de Carvalho.

Caruaru
2021

Catálogo na fonte:
Bibliotecária – Simone Xavier - CRB/4 - 1242

B277i Barros, Maria Nathália Costa.
 Incentivo da mulher à prática e estudo das ciências e matemática. / Maria Nathália
 Costa Barros. – 2021.
 38 f. ; il. : 30 cm.

 Orientadora: Tassiana Fernanda Genzini de Carvalho.
 Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de
 Pernambuco, CAA, Licenciatura em Física, 2021.
 Inclui Referências.

 1. Mulheres na ciência. 2. Matemática – Estudo e ensino. 3. Gênero. 4. Ciência –
 Estudo e ensino. I. Carvalho, Tassiana Fernanda Genzini de (Orientadora). II. Título.

CDD 371.12 (23. ed.)

UFPE (CAA 2021-001)

MARIA NATHÁLIA COSTA BARROS

**INCENTIVO DA MULHER À PRÁTICA E ESTUDO DAS CIÊNCIAS E
MATEMÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Licenciatura em Física da Universidade
Federal de Pernambuco, como requisito
parcial para a obtenção do título de
Licenciada em Física.

Aprovada em: 20 / 01 / 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Tassiana Fernanda Genzini de Carvalho (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dra. Kátia Calligaris Rodrigues (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dra. Maria Fabiana da Silva Costa (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico esse trabalho a minha vó Irene (*in memoriam*), que partiu em 2020 e infelizmente, não viu sua neta ser a primeira pessoa graduada da família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus pela força e coragem.

Agradeço a minha mãe, Lucivania, pela mulher que me tornei graças a sua força e luta diária.

A todos meus familiares que acreditaram, ou não, em mim, quero expressar minha gratidão pelo combustível para não desistir.

Aos meus amigos de vida por todos os momentos proporcionados dentro ou fora da universidade nesse longo período, com toda certeza eu não estaria aqui se não fossem vocês dividindo as alegrias, tristezas, vitórias e derrotas.

A todos os professores e, em especial, as professoras pelos ensinamentos técnicos, didáticos e de vida que tive durante a graduação, o meu muito obrigada.

A banca examinadora, meus mais sinceros agradecimentos pela disponibilidade.

E por fim, e não menos importante, a minha orientadora a Prof^a. Dra. Tassiana Carvalho por ter aceitado pacientemente essa missão quase impossível de conseguir trabalhar com a orientanda mais teimosa que poderia ter logo no início da sua docência no CAA, a minha eterna gratidão.

RESUMO

A discussão sobre gênero nas Ciências e Matemática tem conquistado, nos últimos anos, uma importância maior no cenário da história da Ciência e tem sido visto como fator fundamental para o reconhecimento e ingresso das mulheres no mundo acadêmico e profissional. O presente trabalho tem como objetivo analisar e identificar o que incentiva e leva à escolha dos cursos de licenciatura em Física, Matemática e Química e das engenharias Civil e de Produção pelas mulheres no CAA – UFPE. Desta forma, foi utilizado como ferramenta para coleta dos dados um questionário buscando compreender o que achavam da quantidade de mulheres nos seus cursos, quais exemplos femininos tiveram ao longo da vida e se tiveram apoio familiar. Deste modo, através das respostas obtidas e posteriormente analisadas foi possível identificar que professores (as) e o âmbito familiar têm um papel importante na escolha e manutenção dessas mulheres em seus cursos, contribuindo assim com o crescimento da representatividade feminina na academia, que ainda está caminhando a passos lentos, porque elas ainda se deparam com muito machismo impregnado e nem sempre explícito. E que ser vista, acolhida e ouvida não é comum no meio acadêmico e profissional. Encerro o trabalho com o intuito da criação de um veículo de divulgação científica e grata pela partilha.

Palavras-chave: Mulheres nas Ciências e Matemáticas. Gênero. Ensino de Ciências e Matemática.

ABSTRACT

The discussion about gender at the science and math has conquer a huge mean on the science's history and it has been saw as a especial factor to the admission of women at the university and professional world. This research has as goal an analyz and recognize which encourages and carry the choice of the university courses of physics, math, chemistry and civil and prodution Engineering to women at the CAA - UFPE. therefore, it was used as data collect's tools a questionnaire trying to find what was they thinking about the number of women at the courses, what was the female example they had at life, and if it has any family support. Therefore, through the received answers and after analyzed, it was possible indentify, than teacheres and the family is important at the choice and upkeep of the women at the courses, contributing with thefemale representacion at university, then still in slow steps, because the women still has seen preconception that it is not always tacit. And it is not easy to be reception and listen at the university and professional's world. The research is pent with the creation purpose of an science divugation carrier and carrier for shared.

Keyword: Women at science and math, gender, math and science teaching.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 –	Questões 5, 7 e 8 do questionário	17
Quadro 2 –	Questões 10 e 11 do questionário	18
Quadro 3 –	Questão 12 do questionário	18
Quadro 4 –	Questão 6 do questionário	19
Figura 1 –	Distribuição por curso	20
Quadro 5 –	Respostas das discentes D12, D13, D23, D8 e D36	21
Quadro 6 –	Respostas das discentes D3, D23, D49 e D51	21
Quadro 7 –	Respostas das discentes D14, D3 e D21	22
Quadro 8 –	Respostas das discentes D12, D22, D44 e D31	22
Figura 2 –	A família te incentivou a permanecer no curso	23
Quadro 9 –	Resposta das discentes D10, D15, D29, D42 e D41	23
Quadro 10 –	Resposta das discentes D6, D16, D41, D43 e D4	24
Figura 3 –	Já fui criticada pelo curso que escolhi (Engenharias)	24
Figura 4 –	Já fui criticada pelo curso que escolhi (Licenciaturas)	25
Figura 5 –	Você acha que tem poucas mulheres no seu curso?	25
Quadro 11 –	Resposta da discente D4	26
Figura 6 -	Não percebo diferença na forma como os professores tratam homens e mulheres nas salas de aula	27
Quadro 12 -	Respostas das discentes D30 e D45	27
Quadro 13 -	Respostas das discentes D8 e D29	28
Quadro 14 -	Resposta da discente D50	28
Quadro 15 -	Continuidade da resposta da discente D50	29
Quadro 16 -	Resposta da discente D5	29
Quadro 17 -	Resposta da discente D12	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
CAA	Campus Acadêmico do Agreste
D	Discente
p	Página
Prof(a).	Professor(a)
Dr(a)	Doutor(a)
TBBT	The Big BangTheory
IFPE	Instituto Federal de Pernambuco
Lic.	Licenciatura
Eng.	Engenharia

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
3	METODOLÓGIA	16
3.1	Questionário	17
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	20
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
	REFERÊNCIAS	33
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO	34

1 INTRODUÇÃO

Em 2015 tive o prazer de iniciar uma bela trajetória em um grupo de estudos Pós-Coloniais, coordenado pelo Prof. Dr. Everaldo Fernandes, e no decorrer dos 3 anos em que participei comecei a ver coisas que nos cercam sob outra perspectiva. Uma das inquietações a floradas em mim foi o feminismo e, dentro disso, o quão pouco as mulheres eram citadas na história da ciência, ainda mais porque, atuando no mundo científico, a questão me incomodava pessoalmente. Foi então que decidi pesquisar o que já vem acontecendo há muitas décadas e que se repete ainda nos dias de hoje.

O mundo científico foi organizado tradicionalmente em pilares quase que puramente masculinos, muitas vezes não deixando as mulheres participarem de suas pesquisas, negando e apropriando-se de suas descobertas e produções científicas, por meio de discursos e práticas machistas e patriarcais. Sendo assim, é impossível falar sobre a existência das mulheres nas Ciências e Matemática sem falar sobre a história de luta das mulheres. Luta essa que é recente, constante e, infelizmente, ainda longa. A mulher ganha um destaque quando,

A primeira obra mais detalhada sobre a participação e realização de mulheres na ciência foi *Women in Science*, escrita, em 1913, por H. J. Mozans, um padre católico. Segundo Schienbinger (2001) essa obra convidava "as mulheres a atuarem no empreendimento científico e desencadearem as energias de metade da população do planeta". A partir daí, a literatura sobre gênero na ciência cresceu, ainda de forma incipiente, até os anos de 1970, ganhando destaque e importância entre os acadêmicos, principalmente, a partir dos anos de 1980. (LETA, 2003, p 1)

Essa área das Ciências e Matemática é predominantemente masculina, e isso não é porque as mulheres tenham uma capacidade inferior aos homens, mas, por terem sido silenciadas e confinadas ao ambiente doméstico e as profissões de cuidado. Dessa forma, com os anos, ainda existem diversas ocupações – ciências, negócios e a política - que são dominadas por homens, enquanto as atividades que inspiram cuidado – como ensino, enfermagem, atividades domésticas – são ditas femininas.

Desde que as Ciências e Matemática começaram a ser construídas, as mulheres tiveram participação, mas com seus trabalhos, citações e descobertas sendo deixadas de lado, marginalizadas e diminuídas.

Antifeministas, como Gino Loria na Itália, salientavam que mesmo se se pudesse reunir mulheres destacadas suficientes para encher trezentas

páginas, um projeto equivalente para os homens ocuparia milhares de páginas. Que mulher, alardeava Loria, pode rivalizar com Pitágoras ou Arquimedes, Newton ou Leibniz? (SHIENBINGER, 2001, p 57)

Neste trabalho, visei elencar os motivos que fizeram mulheres contemporâneas a seguir esse caminho de prática e estudos na área das Ciências e Matemática, trazendo como objeto de pesquisa as mulheres que estão cursando os cursos de licenciatura em Física, Matemática e Química, e bacharelado nas engenharias Civil e Produção da Universidade Federal de Pernambuco, especificamente no Campus Acadêmico do Agreste, localizado em Caruaru-PE.

Por meio de um questionário, busquei os motivos que levaram elas a escolherem seus cursos. Se a família, colegas, comunidade escolar, literatura e/ou produtos do audiovisual teriam de alguma forma as influenciado, e se tiveram professoras mulheres nas disciplinas de física, química e matemática na educação básica que as influenciaram.

Esse trabalho foi distribuído da seguinte forma: O capítulo 2 traz conceitos e perspectivas de autoras como Schienbinger (2001), Leta (2003; 2014), Conceição e Teixeira (2018), Agrello e Garg (2008), Brito, Pavani e Lima Jr (2015) entre outros, sobre as questões de gênero nas Ciências e Matemática. No capítulo 3, trazemos aspectos metodológicos, o instrumento de coleta e os sujeitos da pesquisa. No capítulo 4 abordaremos a análise e discussões a partir dos dados apanhados. E por fim, no capítulo 5 discorreremos as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O enclausuramento histórico da mulher no ambiente doméstico fez com que sua vida fosse norteadada por princípios morais e religiosos. A sociedade impôs um limite no que seriam atividades femininas e quais eram suas atribuições diante de um lar, segundo Alves (2017, p 4) traz em seu artigo:

A partir da industrialização os espaços das mulheres e dos homens foram delimitados entre o público e o privado, isso devido às transformações nas áreas políticas e econômicas que contribuíram para essa divisão de espaços.

A invisibilidade vivenciada pelas mulheres que também edificaram as Ciências e Matemática esteve presente desde os primórdios da construção do pensamento científico.

Os historiadores fizeram a historiografia do silêncio. Contudo, as mulheres nunca estiveram ausentes da história. Embora a historiografia oficial as tenha esquecido, elas participaram da construção do pensamento científico, e suas contribuições e realizações científicas são tão antigas quanto a ciência. (CONCEIÇÃO E TEIXEIRA, 2018, p2)

Pessoas que fazem ciência são estereotipadas como homens, com barba e cabelo por fazer, pouca vaidade, vestido em um jaleco branco e vivendo em seu laboratório isolado, como se sua vida fosse única e exclusivamente isso. Muitas mulheres, desde sua infância, não conseguem se enxergar em um espaço como esse, tipicamente masculinizado. Schienbinger(2001, p 146) traz em seu livro que:

imagens projetam mensagens sobre esperanças e sonhos, porte e conduta, sobre quem deve ser um cientista e o que é ciência. Qual é a imagem da ciência? É difícil identificar uma imagem que caracteriza um cientista típico.

Estudos sobre gênero nas Ciências e Matemática tornou-se mais uma questão na história, e o feminismo vem contribuir com indagações e reivindicações sobre o tema dentro dessas áreas.

De muitas maneiras, o movimento das mulheres das décadas de 1970 e 80 obviamente mudou o mundo. Talvez não da maneira radical que algumas de nós imaginávamos, mas certamente mudou a percepção das mulheres (e do gênero) em boa parte do mundo ocidental. De fato, mudou mais que a percepção, mudou a condição de muitas mulheres nesta parte do mundo. No que aqui nos interessa, o feminismo contemporâneo mudou a posição das mulheres na ciência. Ainda que não possamos afirmar igualdade plena. (KELLER, 2006, p 16)

Além de não se enxergar através do ser cientista, a mulher também não se imaginava com facilidade no espaço laboratorial e acadêmico, já que tais espaços haviam sido modulados através da perspectiva masculina.

a questão do gênero na Ciência passou a constituir uma área de especialidade dentro da história das ciências direcionada, por um lado, às mudanças que o feminismo trouxe para a ciência e, por outro, para se há uma forma feminina de fazer ciência. Nesse contexto, encontram-se trabalhos direcionados à exclusão, marginalização, invisibilidade, participação e biografias das mulheres na ciência, que buscam analisar a subordinação das mulheres aos homens nas civilizações ocidentais (CONCEIÇÃO E TEIXEIRA, 2018, p 3)

A representatividade feminina faz com que as mulheres se sintam mais confortáveis em ocupar determinados lugares, e nas Ciências e Matemática isso não seria diferente, as primeiras mulheres a quebrar as barreiras do preconceito abriram caminho para que as demais tivessem a oportunidade de se enxergar e ter esperança de que é possível. Segundo Schienbinger (2001), a nossa cultura está altamente centrada em gênero, muitas mulheres sentem-se mais à vontade com mais mulheres por perto.

a existência de barreiras ao acesso a níveis de maior hierarquia e prestígio compromete, geralmente, as mulheres na construção da sua carreira na ciência. Portanto, mesmo que atualmente a participação das mulheres na ciência seja equitativa do ponto de vista numérico, a hierarquia acadêmica vai estar ocupada, sobretudo, por homens, independentemente da área do conhecimento. (SILVA E RIBEIRO, 2014, p 450)

Se as barreiras formais de ingresso em cursos superiores, carreiras e ocupações acadêmicas fossem dissipadas, ainda existiria a barreira de sexo e gênero no mercado de trabalho. Para desconstruir essa barreira o equilíbrio entre as participações dos gêneros nos cursos deve acontecer, desenraizando os conceitos femininos ou masculinos de trabalho e conhecimento possibilitando o mesmo acesso à renda.

A inclusão com segregação das mulheres incide diretamente nas relações de trabalho e renda. De acordo com a pesquisa Mulher no Mercado de Trabalho (IBGE, 2010) as mulheres ganham em torno de 68% do rendimento recebido pelos homens. Considerando-se o mesmo nível de escolaridade e o mesmo grupo de atividades, a diferença de rendimentos persiste. (BRITO, PAVANI, LIMA JR, 2015, p 37)

Pensando nisso, esta pesquisa busca compreender o que desperta esse anseio nas mulheres hoje em dia, o foi relevante para suas escolhas – seja aptidão, professoras, cientistas e profissionais da área de exatas, filmes/séries, incentivo familiar, ou até mesmo a literatura – assim como já sinaliza Agrello e Garg (2008, p. 6):

Para que mais mulheres optem por uma carreira em física, é preciso estarmos atentos desde o início de sua trajetória de estudo. Pesquisas indicam que as garotas se sentem mais inspiradas a explorar a matemática, as ciências, a engenharia e a tecnologia quando compreendem como esses campos podem ser aplicados para tornar o mundo melhor. Mas, para tanto, é necessário mais que uma ideologia amorfa. São necessários modelos, exemplos concretos, atividades práticas, professores apaixonados e apoio entusiástico. É preciso mais professoras mulheres, a servir como modelo para encorajar um número maior de jovens garotas a escolher a física como carreira profissional.

As mulheres, como em grupo, certamente não precisam de regalias para dominar habilidades específicas, mas sim, de um mesmo compromisso de aceitação e reconhecimento que o gênero masculino, que de fato não é difundido de forma igualitária.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo apresentaremos os métodos e recursos que utilizamos nesta pesquisa, falaremos sobre a construção do questionário, a escolha, abordagem e distribuição para os sujeitos de pesquisa.

Esta pesquisa tem como objeto as mulheres que compõem ou já compuseram o corpo discente dos cursos das licenciaturas em Física, Matemática e Química e os bacharelados em Engenharia Civil e Produção. Cada curso oferta 80 vagas anuais para ingresso, tendo entradas semestrais. As licenciaturas são no turno da noite e as engenharias são em turno integral. Todos esses cursos, são ofertados no Campus Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco, que conta com 11 cursos de graduação, 7 de mestrado e 1 doutorado, e está localizado na cidade de Caruaru-PE.

Para investigar as concepções das mulheres destes cursos, foi criado um questionário com a intenção de saber o que inicialmente servia ao curso de licenciatura em Física¹ e, posteriormente, foi adaptado por mim para contemplar os demais cursos, buscando compreender o que as respondentes achavam da quantidade de mulheres colegas de curso, quais exemplos femininos tiveram, como professoras, cientistas ou que exercessem suas profissões, se as conheciam pessoalmente, quem ou o que as inspiraram e também um espaço para contar um pouco de sua experiência como mulher em cursos como esses.

Para a divulgação do mesmo, foram usadas as redes sociais, mais especificamente os grupos que reuniam um número considerável de estudantes do campus e desses cursos em especial.

Em busca pelas razões que levaram as mulheres a escolherem seus cursos, esta pesquisa se caracteriza como qualitativa. “Os pesquisadores qualitativos tentam compreender os fundamentos que estão sendo estudados a partir da perspectiva dos participantes.” (GODOY, 1995). Porém, segundo Bogdan e Biklen (1994), os dados quantitativos podem ter utilizações convencionais em investigação qualitativa, também fornecer informações descritivas acerca da população envolvida esse tipo

¹ Este questionário foi apresentado no TCC da aluna DanyelaKataryne Alves dos Santos – aluna do curso de Física-Licenciatura do CAA-UFPE - que defendido em dezembro de 2020, e ainda não foi publicado pela biblioteca.

de dado, pode abrir novos caminhos a explorar questões a responder os dados quantitativos são muitas vezes incluídos na escrita qualitativa sobre a forma de estatística descritiva.

Para preservar o anonimato das mulheres que participaram da pesquisa em questão, elas serão nomeadas como “Discente” seguida de número de 1 a 53, que totaliza a quantidade de respostas obtidas, organizadas por ordem cronológica. Os resultados buscam saber o que as motivaram a entrar nos cursos, se a motivação das mulheres que fazem licenciatura foi a mesma ou parecida com as que fazem engenharia, como elas veem a representatividade feminina em seu curso, além de trazer alguns elementos sobre as suas trajetórias como mulher no meio acadêmico, procurando apresentar algumas das inquietações do cotidiano das mulheres que por vezes, infelizmente, são despercebidas.

3.1 Questionário

O questionário (anexo 1) foi criado na plataforma Google em sua ferramenta de formulários, chamada Google Forms, com 12 questões de múltiplas escolhas e abertas, incluindo nome e endereço eletrônico, porém deixando claro que as identidades seriam preservadas e que os relatos continuariam anônimos.

As perguntas de 1, 2, 3, 4 e 9 foram desenvolvidas para identificação e pretensões futuras das mulheres do grupo pesquisado, já as questões 5, 7, 8, 10, 11 e 12 foram apresentadas para análise e discussão e a pergunta 6 como estatística descritiva deste presente trabalho.

No Quadro 1, as perguntas que levaram aos dados de quem ou o que as incentivaram a escolha do seu curso e o comparativo das motivações das licenciaturas e engenharias.

QUADRO 1: questões 5, 7 e 8 do questionário.

Questão 5
O que te incentivou a entrar no curso?
Questão 7

No ensino médio, alguma professora das ciências exatas te inspirou a seguir essa carreira?
--

Questão 8

O que te motivou a ingressar no curso? (Algum livro, filme, familiar, cientista que te chamou atenção...)

FONTE: A autora, 2021.

As perguntas do Quadro 2 foram direcionadas para ver como as mulheres viam a representatividade feminina no corpo discente em seus cursos.

QUADRO 2: Questões 10 e 11 do questionário.

Questão 10

Você acha que tem poucas mulheres no seu curso?

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none"> • () SIM • () NÃO • () É EQUILIBRADO |
|---|

Questão 11

Qual é a sua opinião sobre o quantitativo de mulheres no seu curso?

FONTE: A autora, 2021.

A questão 12 foi um espaço para discutir um pouco das suas histórias, dividir o que fosse desejado naquele momento pós reflexão sobre os assuntos abordados nas questões anteriores.

QUADRO 3: Questão 12 do questionário.

Questão 12

Um espaço dedicado a você que quiser contar um pouco da sua história com sua vida acadêmica.
--

FONTE: A autora, 2021.

A questão 6 foi um espaço para coleta de dados quantitativos em que elas classificavam cada afirmação como: 1 não me identifico, 2 pouco me identifico, 3 indiferente, 4 me identifico e 5 super me identifico.

QUADRO 4: Questão 6 do questionário.

Responda de 1 a 5 o quanto se identifica com cada uma das afirmações. (1 não me identifico, 5 super me identifico)
1. Seu curso foi sua primeira opção. 2. Em algum momento percebeu que não se identifica com o curso. 3. Alguém já disse que esse curso não é para você. 4. Você já foi encorajada a desistir ou trancar o curso. 5. Não percebo diferença na forma como os professores tratam homens e mulheres nas salas de aula. 6. Quando formada, pretende seguir carreira de acordo com seu curso. 7. Mestrado e doutorado estão nos seus planos. 8. Só estou no curso para obter nível superior. 9. A família me incentivou a permanecer no curso. 10. A falta de referências femininas nas áreas de exatas foi um fator que contribuiu para escolher este curso. 11. Já fui criticada pelo curso que escolhi. 12. Ao imaginar uma pessoa cientista, o que me vem em mente é uma figura masculina de jaleco branco. 13. A ficção retrata as mulheres cientistas de forma distorcida da realidade, não atraindo o público mais jovens de meninas.

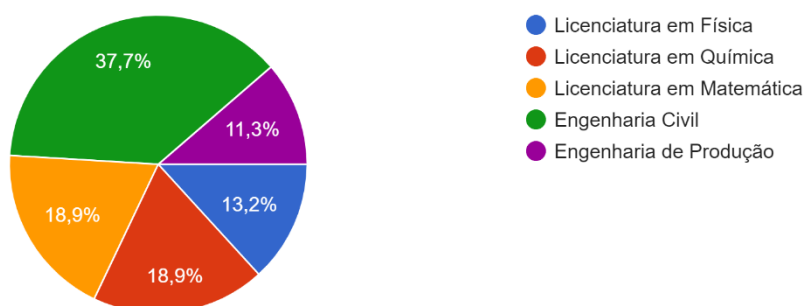
FONTE: A autora, 2021.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Os cursos de Licenciatura em Física, Matemática e Química fazem parte do Núcleo de Formação Docente e totalizaram 27 respostas, já os cursos de Engenharia Civil e de Produção fazem parte do Núcleo de Tecnologia e totalizaram 26 respostas, tendo um resultado total de 53 participantes, essa distribuição pode ser visualizada em porcentagem na figura 1. Das participantes, 33 estão há mais de dois anos na universidade, 18 em seus 2 primeiros anos de graduação e 2 já concluíram o curso.

FIGURA 1: Distribuição por curso.

Qual seu curso?
53 respostas



FONTE: Dados da pesquisa.

O questionário foi formulado inicialmente com 12 perguntas e os resultados foram divididos em três dimensões principais. Na primeira, trazemos o que as discentes falaram quando questionadas quem ou o que as motivaram ou inspiraram até essa escolha pelo curso, na segunda apresentamos as percepções sobre a quantidade de mulheres em seus cursos quando indagadas se eram maioria, minoria ou estavam em equilíbrio, e na terceira as histórias sobre as vidas das mulheres pesquisadas que concordaram em dividir suas experiências conosco.

Professoras e professores foram citados 15 vezes como exemplos a serem seguidos e 1 vez como exemplo negativo, nas questões 7 e 8.

QUADRO 5: Respostas das discentes D12, D13, D23, D8 e D36.

<i>“Na verdade foi um professor que era formado em biologia, na época física era a matéria que eu mais odiava kkk, mas a forma como esse professor ensinava deixa a física mais acessível, e mais divertida. Tive outro professor que dividia a disciplina, este era formado na área, mas de fato o primeiro foi o que me motivou a gostar de física.”</i> (Discente 12 da Lic. Em Física)
<i>“Os (as) professores (as) de matemática que tive em minha educação básica, em especial as professoras, que contribuíram para que eu pudesse me enxergar na profissão.”</i> (Discente 13 da Lic. em Matemática)
<i>“Um professor de Matemática no ensino fundamental falou a respeito de eng civil, fiquei com aquilo em mente e comecei a pesquisar sobre, foi então que com 9 anos decidi o que queria. No ensino médio fiz o tec de edificação e tive a certeza. Porém no meio do caminho várias pessoas da área me incentivaram e se tornaram minha inspiração, principalmente mulheres engenheiras que conheci.”</i> (Discente 23 de Eng. Civil)
<i>“Um antigo professor, me fez gostar bastante das ciências em geral.”</i> (Discente 8 da Lic. em Química).
<i>“Sim, pois ela era uma péssima professora de física e meu professor preferido (matemático) me encorajou a ser física e não ser como ela.”</i> (Discente 36 da Lic. Em Física)

FONTE: Dados da pesquisa.

Das 53 entrevistadas, 24 delas responderam, também na questão 7, que tiveram durante seu ensino médio ao menos uma professora da área de exatas. A presença das mulheres é importante, todavia não é garantia de fortalecimento ou incentivo para as meninas escolherem a área de ciências exatas ou matemática, pois quando as próprias mulheres são criadas em conceitos machistas, elas reproduzem o machismo em suas práticas, e acabam não servindo como inspiração a outras mulheres.

QUADRO 6: Respostas das discentes D3, D23, D49 e D51.

<i>“Tive professoras de exatas, mas isto não me “inspirou” a escolher um curso na área de exatas.”</i> (Discente 3 da Eng. De Produção)
<i>“Sim. Eu tive apenas uma professora nas exatas. Minha prof de Matemática.”</i> (Discente 23 de Eng. Civil)
<i>“A de química me inspirava, por ser jovem e de exatas. Algo raro pra mim, na época.”</i> (Discente 49 de Lic. em Matemática)

"Não exatamente das ciências exatas, era uma engenheira química que ensinava na área técnica do curso integrado ao ensino médio."
(Discente 51 de Lic. em Química)

FONTE: Dados da pesquisa.

A facilidade e identificação com a área fizeram parte das respostas de 35 discente na questão 5. No Quadro 7 apresentamos algumas falas.

QUADRO 7: Respostas das discentes D14, D3 e D21.

<i>"A paixão desde cedo pela matemática e por ter tido uma professora no Ensino Médio que muito me inspirava e me incentivou a ingressar na área."</i> (Discente 14 da Lic. em matemática)
<i>"Foi um curso que me chamou atenção, pesquisei sobre e gostei"</i> (Discente 3 da Eng. de Produção)
<i>"Afinidade pela área de exatas, a remuneração, e a vontade de contribuir de alguma forma para o crescimento e desenvolvimento da comunidade."</i> (Discente 21 de Eng. Civil)

FONTE: Dados da pesquisa.

O incentivo familiar foi citado por 47 discentes como sendo positivo, e em apenas 3 das discentes tiveram um incentivo familiar negativo ou entraram apenas para ter diploma de um curso superior. Isso apareceu de forma espontânea nas questões 5, 7 e 8.

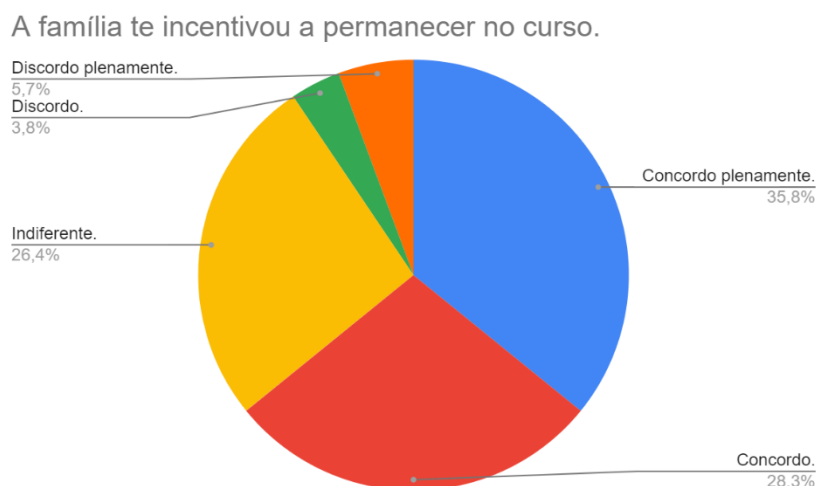
QUADRO 8: Respostas das discentes D12, D22, D44 e D31.

<i>"Meu pai sempre me motivou a gostar de ciência, com o tempo comecei a gostar da área."</i> (Discente 12 da Lic. em Física)
<i>"Sempre gostei dessa área. Meus pais foram grandes incentivadores"</i> (Discente 22 da Eng. Civil)
<i>"Alguns professores, meus pais, a minha irmã. De referência, quando criança eu achava incrível lugares como a NASA."</i> (Discente 44 da Eng. Civil)
<i>"Ingressei por pressão da família, minha primeira opção seria física, ingressei porque me considero de exatas."</i> (Discente 31 da Eng. Civil)

FONTE: Dados da pesquisa.

Quando passado a fase do incentivo ao ingresso no curso e chegamos a permanência, os dados referentes ao apoio familiar se mantêm parecidos, somando apenas 5 respostas negativas, como podemos ver na figura 2.

FIGURA 2



FONTE: Dados da pesquisa.

E 7 discentes citaram cientistas e elementos do entretenimento como inspiração. A maioria das mulheres se colocaram em mais de um grupo de incentivo. Seguem alguns exemplos:

QUADRO 9: Resposta das discentes D10, D15, D29, D42 e D41.

<i>“Filmes, livros e o cientista Albert Einstein”</i> (Discente 10 da Lic. em Física)
<i>“Dra Amy Farrah Fowler² (TBBT)”</i> (Discente15 de Eng. Civil)
<i>“Palestra do Michio Kaku - por que ser físico”, “O filme Interestelar me intrigou bastante” e “Gosto muito de Carl Sagan e ele foi crucial para minha escolha.”</i> (Discentes 29, 41 e 43 da Lic. em Física).

FONTE: Dados da pesquisa.

Analisando as motivações que levaram as escolhas entre licenciaturas e engenharias, observamos que além das especificidades de cada curso, opções disponíveis no momento da escolha, a localização e questão salarial foram levadas em conta em 5 casos.

²Dra Amy Farrah Fowler é uma personagem fictícia da série de TV The Big Bang Theory.

QUADRO 10: Resposta das discentes D6, D16, D41, D43 e D4.

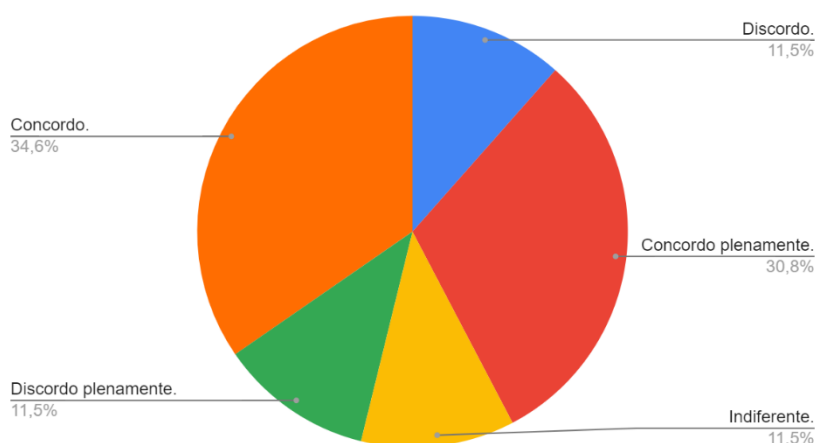
<i>“Ser uma engenharia e por ser ofertado numa cidade próxima a minha cidade...”</i> (Discente 6 da Eng. de Produção)
<i>“Aptidão em relação à construção civil após um curso integrado em edificações no IFPE”</i> (Discente 16 da Eng. Civil)
<i>“Física não era minha primeira opção de curso, então ingressei visando a possibilidade de fazer a transferência interna para outro curso.” e “Quando eu cursava engenharia, conheci a mecânica quântica na disciplina de química e me encantei pela física moderna, assim como a cosmologia. Por isso fiz o Enem novamente e mudei para física.”</i> (Discente 41 e 43 ambas da Lic. em Física)
<i>“A empatia pela matemática e o incentivo de professores da Educação básica. A entrada na matemática- licenciatura, se deu após meu ingresso temporário no curso de engenharia civil.”</i> (Discente 4 da Lic. em Matemática).

FONTE: Dados da pesquisa.

Podemos observar que apenas 9 mulheres dos cursos de engenharia e 4 dos cursos de licenciatura, não receberam críticas negativas sobre sua escolha de curso.

FIGURA 3

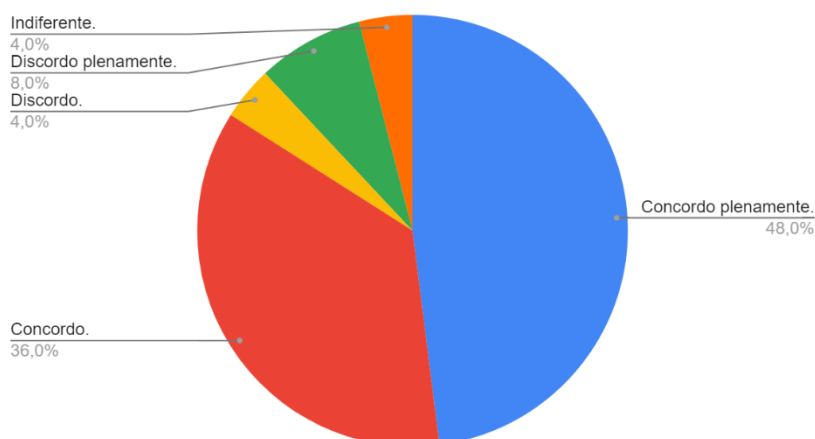
Já fui criticada pelo curso que escolhi. (Engenharías)



FONTE: Dados da pesquisa.

FIGURA 4

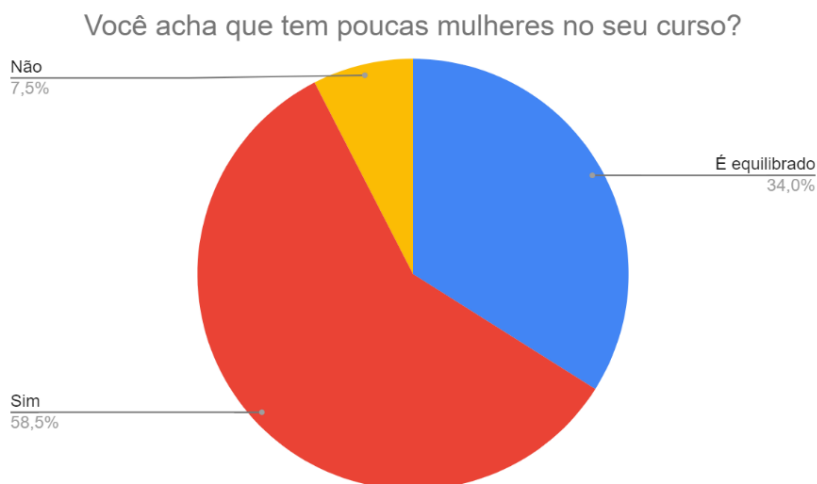
Já fui criticada pelo curso que escolhi. (Licenciaturas)



FONTE: Dados da pesquisa.

Agora, trazemos o que elas acham sobre o número de mulheres em seu curso:

FIGURA 5



FONTE: Dados da pesquisa.

A maioria, 31 das 53 discentes, acreditam que existem poucas mulheres no seu curso, 18 acham que é equilibrado e 4 acham que não são poucas. Quando foi questionado na pergunta 11 qual é a sua opinião sobre o quantitativo de mulheres no seu curso, elas justificaram as respostas acima de acordo com suas crenças e observações, como podemos ver nos exemplos a seguir:

QUADRO 11: Resposta da discente D4.

“Acho que atualmente há um equilíbrio, mas o tratamento para com mulheres, no que diz respeito ao pensamento abstrato da ciência “pura”, é diretamente diferente.” (Discente 4 da Lic. em Matemática)

FONTE: Dados da pesquisa.

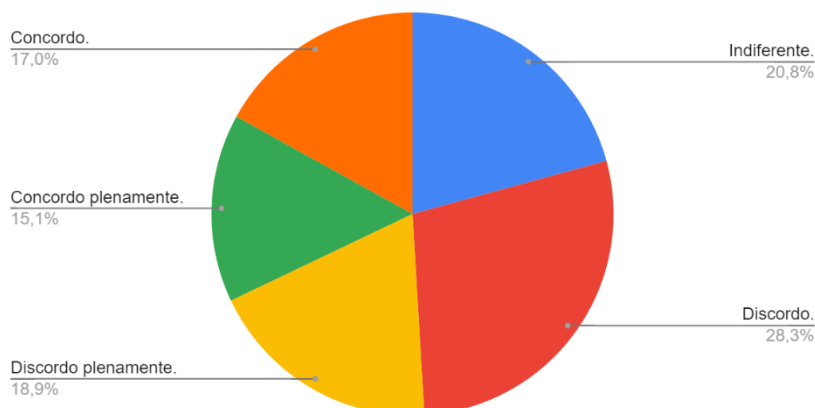
Desde as primeiras obras sobre o tema mulheres na ciência a discussão sobre a capacidade do cérebro feminino de fazer ciência é levantada. Assim podemos observar o quão lento está sendo o processo de quebra desses paradigmas. Schiebinger (2001, p 57) conta em seu livro que em 1913 um padre católico John Augustine Zahm usando o pseudônimo de H.J. Mozans, escreveu um livro com o título de *Woman in Science* que trazia discussões sobre a capacidade das mulheres de fazer ciência, concentrando-se amplamente em tentativas de craniologistas do século XIX de provar que o cérebro feminino era muito pequeno para o raciocínio científico.

As diferenças incluíam "tenderem a um trabalho mais abrangente e sintético"; inclinarem-se a evitar campos que exigem competição cerrada; serem "mais cuidadosas e atentas"; prestar maior atenção a detalhes; e escolher diferentes áreas temáticas para investigação. Mais mulheres do que homens acreditavam que o gênero desempenhava um papel, em seu trabalho como cientistas; mais homens mantinham a concepção tradicional de que a ciência é e deve permanecer de gênero neutro. (SCHIEBINGER, 2001, p 35)

O preconceito é tão comum que foi naturalizado se tornando invisível aos olhos até de quem sofre com ele, a ponto de afirmar que o gênero da ciência é neutro e que deve permanecer assim. Um exemplo disso foram as respostas obtidas quando perguntado se haviam diferenças no tratamento entre os gêneros. Quando o assunto são as mulheres na ciência, os relatos das mulheres são parecidos com o da Discente 4. Por ter uma predominância masculina, os ambientes científicos apresentam relações sociais e marcas culturais sexistas, que contribuem para uma maior ausência das mulheres nas áreas das ciências exatas.

FIGURA 6

Não percebo diferença na forma como os professores tratam homens e mulheres nas salas de aula.



FONTE: Dados da pesquisa.

Das 53 discentes que participaram da pesquisa, 18 estão em seus 2 primeiros anos de graduação, e observamos que elas já acharam que o número de mulheres na turma é equilibrado e algumas delas disseram que as mulheres já são maioria em sua turma. *“Acho bem legal, somos em maior número.”* (discente 51 de Lic. em Química). A este fato – a presença maior de mulheres no início dos cursos – podemos relacionar a um fenômeno já tratado pela literatura, conhecido como “Efeito Tesoura”, explicado a seguir:

Efeito Tesoura porque corta as mulheres para fora da carreira à medida que esta avança. Este efeito também não é exclusivo de carreiras acadêmicas e não ocorre apenas no Brasil (HENSINKI, 2009). No caso do Brasil, exemplificaremos o “Efeito Tesoura” utilizando a Física. Em média, 30% dos ingressantes do curso de Física são mulheres. Este número diminui para 20% durante o doutorado e mestrado e se reduz para 15% entre as docentes brasileiras. (BRITO, PAVANI, LIMA JR, p 38)

Seguem exemplos:

QUADRO 12: Respostas das discentes D30 e D45.

<i>“Na minha turma em específico é equilibrado porém vejo o mercado de trabalho dominado por homens”</i> (Discente 30 de Lic. em Química)
<i>“Nos primeiros períodos a relação mulheres/homens tende a ser maior em relação aos períodos finais”.</i> (Discente 45 de Eng. Civil)

FONTE: Dados da pesquisa.

Duas discentes notaram/refletiram um pouco sobre os possíveis motivos que levariam o afunilamento na quantidade de mulheres nos cursos de forma geral:

QUADRO 13: Respostas das discentes D8 e D29.

<i>“A maioria é homem, apesar de nunca ter parado pra refletir, notei que ao longo do tempo mulheres que são mães, mesmo que não sejam consideradas tão jovens acabam tendo dificuldade em continuar seus estudos, enquanto isso não interfere aos homens de maneira generalizada”. (Discente 8 de Lic. em Química)</i>
<i>“É algo que está caminhando lentamente, devo dizer que a falta de ingresso das mulheres se trata principalmente pelo machismo impregnado desde da educação básica e dos afazeres que uma mulher “deve” fazer voltado pra área de humanas e serviços doméstico, por isso se torna importante a formação de mais mulheres na área de exatas para quebrar esse paradigma”. (Discente 29 da Lic. em Física)</i>

FONTE: Dados da pesquisa.

Ao final do questionário, quando pedido para voluntariamente comentarem sobre suas histórias, muitas refletiram sobre as experiências positivas na mesma proporção que trataram sobre as negativas. Além disso, também mencionaram o quanto se identificaram com suas escolhas e o quanto sofreram pela mesma. Seguem alguns relatos:

QUADRO 14: Resposta da discente D50.

<i>“...desde sempre me vi sozinha como mulher, onde sempre tinha muito homem, a quantidade de mulheres são sim muito reduzidas, e existe sim preconceito nesse meio, por mais que seja pregado igualdade e que os próprios homens não se achem machistas, sempre tem alguma coisa que eles acham que nós, mulheres, não somos capazes de fazer.” (Discente 50 da Eng. de Produção).</i>
--

FONTE: Dados da pesquisa.

A baixa participação feminina, nas Ciências e Matemática, gera uma série de discussões sobre afastamento das mulheres da área,

De acordo com Fehrs e Czujko (1992) a premissa básica para esse distanciamento seria a exclusão deliberada, ainda que não intencional, por parte da sociedade e da própria comunidade científica de física às mulheres que se interessam pela área. (CARTAXO. 2012, p 15)

Ela ainda continua falando sobre sua experiência no curso técnico,

QUADRO 15: Continuidade da resposta da discente D50.

“Fiz um curso técnico em Mecatrônica, onde nunca tive problemas relacionais com os meninos, porém quando voltava pra área profissional, a voz de nós, mulheres, sempre era pouca ouvida, eu e uma amiga do mesmo curso, chegamos a baixar um app de buzina no celular, para que quando quiséssemos falar, acionávamos a buzina para que eles notassem que a gente estava falando...”
(Discente 50 da Eng. de Produção).

FONTE: Dados da pesquisa.

Desde o século I as mulheres foram emudecidas. São Paulo ensinava que mulheres e crianças devem ser vistas, mas não ouvidas e, ainda o século XIX, médicos diagnosticavam mulheres, que se pronunciavam publicamente, como histéricas. O machismo forçou o silêncio feminino por quase 20 séculos e agora parecem ter uma surdez seletiva, já que, cada vez mais o número de mulheres empoderadas que não se permitem serem caladas vem crescendo, e sem medo de falar, mostrar ou até mesmo desenhar para tomar seus locais de direito.

Outras discentes nos revelaram terem ouvido e/ou notado algum tipo ação sexista por parte de colegas e professores no curso:

QUADRO 16: Resposta da discente D5.

“Em minha experiência enquanto discente do curso de licenciatura em matemática, pude observar que em cadeiras ditas pedagógicas não presenciei ou fui vítima de qualquer desmerecimento em relação as minhas capacidades. Em contrapartida, quando diz respeito a cadeiras ditas puras é notado um desdém em relação a ser mulher, é subjugado o que se é capaz ou não de desenvolver, já passei e também ouvi comentários desagradáveis enquanto capacidade por ser mulher e desenvolver uma conta extensa, do tipo, até que consegue resolver mesmo sendo mulher, coisas desse tipo...” (Discente 5 da lic. em matemática)

FONTE: Dados da pesquisa.

As disciplinas citadas como pedagógicas no exemplo anterior, presente na grade dos cursos de licenciatura do CAA, são majoritariamente voltadas para metodologias de ensino, fundamentos psicológicos da educação, como gerir, mediar e administrar situações junto com a comunidade escolar, que de fato se relaciona

com o trato humano. Por isso, o machismo se faz menos presente, já que inspiram cuidado e imaginam como se ali simplesmente fosse o único local de voz feminino.

E, também, temos o seguinte relato:

QUADRO 17: Resposta da discente D12.

“Entrei no curso super motivada (mesmo preferindo seguir a área do bacharelado), mas com o tempo minha opinião sobre o curso mudou. Ouvi muitas piadas sobre estar em um curso de física, porque, de acordo com a opinião dessas pessoas, só louco estuda física e que não é área pra mulher. E por mais que eu tivesse motivação em casa, me questionei durante muito tempo se eu estava fazendo o “certo” com o meu futuro. Conversei muito com o meu pai sobre isso e percebi que eu estava na área que eu queria, ninguém poderia me dizer o que fazer ou não fazer, muito menos apontar se o curso era o ideal para mim. Mas me questiono diariamente sobre quantas meninas já desistiram do curso por falta de motivação e críticas destrutivas.” (Discente 12 da Lic. em física)

FONTE: Dados da pesquisa.

Esse relato da Discente 12 demonstra como algumas pessoas na instituição tinham e tem práticas preconceituosas, como a reprodução de estereótipos sobre como um(a) cientista é ou deve se portar e, com isso, agindo de forma sexista. Pensamentos como esses contribuem com o distanciamento da mulher das ciências e/ou influenciam mais pessoas a pensarem assim. No caso dessa discente, a família foi de suma importância para a consolidação e permanência dela no curso e a afirmação da sua carreira.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando ingressei em 2015 no grupo de estudos Pós-Coloniais, o feminismo foi afluído e dentro disso percebi, o quão pouco as mulheres eram citadas na história da ciência e que tinham grandes destaques, foi então que decidi pesquisar e percebi que ainda nos dias de hoje o mundo científico, que foi organizado de forma tradicionalmente masculina, não deixando as mulheres participarem de suas pesquisas, negando e apropriando-se de suas descobertas e produções científicas, por meio de sua invisibilidade perante a sociedade. Sendo assim, é impossível falar sobre a existência das mulheres nas Ciências e Matemática sem falar sobre a história de luta das mulheres.

O presente trabalho buscou por meio da aplicação do questionário que investigava as motivações que levaram as mulheres dos cursos de Licenciatura em Física, Matemática e Química e das Engenharias Civil e de Produção da UFPE - CAA, composto por perguntas elaboradas na intenção de levar a reflexão as respondentes. Mediante aos resultados obtidos na aplicação do questionário sobre suas escolhas, vidas e futuro acadêmico, temos que, em termo geral contribuiu significativamente para conhecer suas inspirações e incentivos. Professores tiveram a maior parte das citações quando falado em incentivo, seja com seu exemplo do dia-a-dia na sala de aula, através da sua metodologia e/ou por transparecer a paixão pelas Ciências e Matemática, também mostrando que há possibilidade e oportunidade, mesmo que não sejam as mesmas que o público masculino dispõe. A pesquisa também mostrou que apoio familiar tem um grande papel no ingresso, manutenção e permanência nos cursos.

Também foi possível identificar dois fatores principais: o meio acadêmico é machista e há pouca representação feminina nos cursos analisados. Verificamos que ainda nos tempos de hoje a mulher sobrevive em um meio acadêmico machista, que mesmo com tantos anos de luta feminista, não está nem próximo de dissipar o preconceito de gênero que anos de invisibilidade e negligência da presença feminina ainda causam, gerando dúvidas e afirmações sobre a (in)capacidade feminina. Além disso, o resultado foi como o previsto em nossas hipóteses, já que buscamos as opiniões pessoais, conhecer a experiência e olhar por vários ângulos: a maioria das mulheres ainda acham que a representatividade em seus cursos é pequena (figura 5), ainda que uma pequena porcentagem, tendo como maioria nesse conjunto

mulheres nos anos iniciais da graduação, dissesse que acha equilibrado e, uma porcentagem ainda menor, que não acham que existem poucas mulheres nos seus cursos.

Os resultados despertaram outra inquietação acerca da idade das Discentes, que é se as mulheres que nasceram no início dos anos 2000 têm uma visão de empoderamento científico diferente, mesmo que seja sutil, das nascidas nos anos 90, uma consciência mais ampla sobre as questões de gênero na Ciências e Matemática. Infelizmente, essa questão não pode ser tratada a partir dos nossos dados, mas pode desencadear em uma pesquisa futura.

Compreendemos que essa análise sobre a pesquisa pode variar devido a inúmeros fatores que não foram cobertos pela pesquisa, como o número total de mulheres que ingressaram nos cursos, que desistiram e que já concluíram – os números apresentados no site da UFPE não dispõem dessa informação, só dos valores totais de discentes.

Por outro lado, observamos que o ato político do feminismo vem crescendo cada dia mais entre as mulheres, seja nas mídias, escolas, trabalho, família e sociedade, e dispõe da possibilidade de reconhecer as formas de pensamento livre e uma ótica diferente a que o patriarcado impõe. Creio que esse crescimento é resultado de anos de luta feminista.

Os dados dessa pesquisa foram analisados parcialmente, mas, as pretensões futuras são de ampliar e aprofundar essas análises no intuito de iniciar uma plataforma de divulgação científica voltada ao público feminino, principalmente as que pretendem ingressar nesse meio.

Assim, foi possível concluir o presente trabalho com o sentimento de gratidão e realização, frente à possibilidade de desencadear e despertar, com olhos atentos, novas pesquisas para a inserção da importância ao incentivo a prática e estudos das mulheres, sobretudo no desenvolvimento de mais mulheres nas Ciências e Matemáticas.

REFERÊNCIAS

- AGRELLO, D.A.; GARG, R.;Mulheres Na Física: Poder E Preconceito Nos Países Em Desenvolvimento.**Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 31, n. 1, 1305, 2009;
- ALVES, D, M. A MULHER NA CIÊNCIA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS.**Criar Educação**, Criciúma -V. 7, nº2, pp. 1- 25, 2017.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto – Portugal. Porto Editora, 1994.
- BRITO, C.; PAVANI, D; LIMA JR, P.;Meninas Na Ciência: Atraindo Jovens Mulheres Para Carreiras De Ciência E Tecnologia.**Gênero**, Niterói, v.16, n.1, p. 33 – 50, 2015;
- CARTAXO, S. M. C; **GÊNERO E CIÊNCIA: UM ESTUDO SOBRE AS MULHERES NA FÍSICA**. 2012. 104f. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual De Campinas, Campinas, 2012.
- CONCEIÇÃO, J.M.; TEIXEIRA, M.R.F.;Mulheres Na Ciência: Um Estudo Da Presença Feminina No Contexto Internacional, **Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia**, Canoas, v.7, n.1, 2018;
- GODOY, A. S. Introdução À Pesquisa Qualitativa E Suas Possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v35. n2. p. 57-63, 1995.
- KELLER, E, F. Qual foi o impacto do feminismo na ciência? **Cadernos Pagu**,Campinas, São Paulo - V.27, pp.13-34, 2006.
- LETA, J.; As Mulheres Na Ciência Brasileira: Crescimento, Contrastes E Um Perfil De Sucesso.**Estudos Avançados**, 17 (49), 2003;
- LETA, J.; Mulheres Na Ciência Brasileira: Desempenho Inferior?**Revista Feminismos**, Vol.2, N.3, p 139 - 152 Set. - Dez. 2014;
- SCHIENBINGER, L.;**O Feminismo Mudou A Ciência?**Coleção Mulher. Tradução de Raul Fiker, Tradução realizada a partir da edição de 1991,Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- SILVA. F.F; RIBEIRO. P.R.C.;Trajetórias de mulheres na ciência: “ser cientista” e “ser mulher”. **Ciênc. Educ.**, Bauru - V 20, n. 2, pp. 449-466, 2014.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO



Incentivo da mulher à prática e estudo das ciências e matemática.

O questionário a seguir é direcionado ao público feminino que está nos cursos de Licenciatura em Física, Química e Matemática, e nos Bacharelados de Engenharia Civil e Engenharia de Produção da Universidade Federal de Pernambuco, Campus Agreste. O objetivo deste questionário é analisar o que incentivou suas escolhas e percurso acadêmico das mulheres que optaram por tais cursos.

Em nenhum momento as mulheres que responderem a esse questionário serão identificadas ou divulgadas.

Este é o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Maria Nathália Costa Barros, do curso de Física-Licenciatura. Qualquer dúvida ou esclarecimento poderá ser obtido no e-mail:

nathalia.cbarros@ufpe.br

*Obrigatório

Nome Completo *

Sua resposta

E-mail *

Sua resposta

Qual seu curso? *

- ☐ Licenciatura em Física
- ☐ Licenciatura em Química
- ☐ Licenciatura em Matemática
- ☐ Engenharia Civil
- ☐ Engenharia de Produção

Qual o seu período? *

Sua resposta

O que te incentivou a entrar no curso? *

Sua resposta

Responda de 1 a 5 o quanto se identifica com cada uma das afirmações. (1 não me identifico, 5 super me identifico) *

	Concordo plenamente.	Concordo.	Indiferente.	Discordo.	Discordo plenamente.
Seu curso foi sua primeira opção.	☐	☐	☐	☐	☐
Em algum momento percebeu que não se identifica com o curso.	☐	☐	☐	☐	☐
Alguém já disse que esse curso não é para você.	☐	☐	☐	☐	☐
Você já foi encorajada a desistir ou trancar o curso.	☐	☐	☐	☐	☐
Não percebo diferença na forma como os professores tratam homens e mulheres nas salas de aula.	☐	☐	☐	☐	☐
Quando formada, pretende seguir carreira de acordo com seu curso.	☐	☐	☐	☐	☐

Mestrado e doutorado estão nos seus planos.	☐	☐	☐	☐	☐
Só está no curso para obter nível superior.	☐	☐	☐	☐	☐
A família te incentivou a permanecer no curso.	☐	☐	☐	☐	☐
A falta de referências femininas nas áreas de exatas foi um fator que contribuiu para escolher este curso.	☐	☐	☐	☐	☐
Já fui criticada pelo curso que escolhi.	☐	☐	☐	☐	☐
Ao imaginar uma pessoa cientista, o que te vem em mente é uma figura masculina de jaleco branco.	☐	☐	☐	☐	☐
A ficção retrata as mulheres cientistas de forma distorcida da realidade, não atraindo o público mais jovens de meninas.	☐	☐	☐	☐	☐

No ensino médio, alguma professora das ciências exatas te inspirou a seguir essa carreira? *

Sua resposta

O que te motivou a ingressar no curso? (Algum livro, filme, familiar, cientista que te chamou atenção...) *

Sua resposta

O que te motivou a permanecer no curso? *

Sua resposta

Você acha que tem poucas mulheres no seu curso? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ É equilibrado

Qual é a sua opinião sobre o quantitativo de mulheres no seu curso? *

Sua resposta

Um espaço dedicado a você que quiser contar um pouco da sua história com sua vida acadêmica.

Sua resposta
